

Boa Nova para cada dia / julho 2016

Gonçalo Miller Guerra, s.j. (Semanas)

Marco Cunha, s.j. (Domingos)

Tempo Comum – São Bento / Santa Brígida / São Tiago, Apóstolo

Sex, 1 – SEMANA XIII DO TEMPO COMUM / 1ª SEXTA-FEIRA

Am 8, 4-6.9-12 / Slm 118 (119), 2.10.20.30.40.131 / Mt 9, 9-13

Prefiro a misericórdia ao sacrifício. (Evang.)

Todos os dias, os meios de comunicação social trazem-nos vários crimes hediondos. Assassínatos, violações, pedofilia, tráfico de pessoas, escravatura. É mais que natural sentirmos alguma empatia com as vítimas. Alguma coisa estaria muito mal se não sentíssemos. Mas não nos esqueçamos dos pecadores. Deus diz-nos que rezemos pelos pecadores. Jesus diz-nos que veio para os pecadores. Há que rezar por eles. Hoje, o leitor reze por essas pessoas.

Sáb, 2 – SEMANA XIII DO TEMPO COMUM / 1º SÁBADO

Am 9, 11-15 / Slm 84 (85), 9.11-14 / Mt 9, 14-17

Reconstruí-la-ei como nos tempos de outrora. (1ª Leit.)

Nós temos dentro uma obra de arte que vamos estragando com o pecado e o Senhor vai reparando as brechas por nós abertas. A obra de arte é a nossa capacidade de amar posta em prática, as brechas são as nossas falhas em amar; porque às vezes amar é muito difícil; estamos muito cansados, doentes ou não sabemos como. Por exemplo, qual a medida para dar a quem precisa? Qual a medida da nossa caridade?

Dom, 3 – DOMINGO XIV DO TEMPO COMUM – Ano C

Is 66, 10-14c / Slm 65 (66), 1-3a.4-5.6-7a.16.20/ Gal 6, 14-18 / Lc 10, 1-12.17-20

O Evangelho apresenta-nos hoje o envio dos setenta e dois discípulos. Setenta, ou seten-

ta e dois, são os “anciãos”, são os membros do Sinédrio, são os tradutores das Escrituras

em grego, são, enfim, na tradição judaica, todos os povos da terra. O seu significado aqui é claro: a universalidade! Isto é: a *Palavra*, que é o Senhor, está destinada a todos os povos da terra. Sem exceções.

O facto de que o Senhor envie estes discípulos dois a dois não é casual. Se é verdade que no mundo antigo eram necessárias pelo menos duas testemunhas para a validade de um depoimento, é ainda mais importante recordar que Cristo não pode ser testemunhado por uma pessoa sozinha, por um indivíduo isolado da sua comunidade. Deus é comunhão, é Trindade, e só na união com uma comunidade pode ser anunciado. É o amor entre nós, membros de uma comunidade, que torna presente Aquele que envia. Não são as palavras sábias nem as ações moralmente impecáveis dos indivíduos que falam do Senhor, mas é o Amor entre nós, irmãos e irmãs em Cristo, que O torna manifesto e presente.

Os setenta e dois discípulos de todos os povos e todas as nações que há sobre a terra (que somos nós!) são enviados a anunciar o Amor do Senhor como cordeiros para o meio de lobos. Os cordeiros são aqueles que se transformam em ali-

mento para os outros. Os lobos são aqueles que não só não se fazem alimento para os outros, mas que vivem à custa deles. Muitas vezes, a nossa tentação de enviados é quereremos ser leões para transformarmos os lobos através da força e dos argumentos, e assim esquecemo-nos que somos enviados como cordeiros. Até acreditamos na mensagem de paz e amor de Jesus, mas não aceitamos ser enviados como Ele nos pede. Se somos convidados a anunciar o Senhor sem «bolsa nem alforge nem sandálias», é porque estas são as seguranças do “rico”, daquele que não quer ser dependente, mas autónomo!

O caminho que o Senhor nos convida a fazer torna-se claro só no fim: partindo para a missão, colocamo-nos em linha com a força da Cruz que é evidente na pobreza e na humildade, mas no regresso é o sinal da Ressurreição que se afirma. O triunfo do *Cordeiro de Deus* passa pela morte, mas vai para a vida! Por isso, os discípulos regressam triunfantes e a alegria deles por verem os frutos do seu trabalho é acompanhada pela alegria do Senhor, não porque fizeram coisas extraordinárias, mas porque puderam experimentar o que acontece quando metemos a

nossa vida nas mãos d'Aquele que por nós deu a sua.

A missão daqueles que seguem a Cristo não é simplesmente colaborar para a vitória do bem e com isso «ir para o Céu», mas perceber que ser «cordeiro no meio de lobos»

é o modo como Jesus viveu, o modo de vida que Ele nos anunciou. Reconhecer isto é aceitar que no reino dos Céus não somos «estrangeiros nem hóspedes», mas somos familiares de Deus, concidadãos dos santos (cf. Ef 2, 19-22).

Seg, 4 – SANTA ISABEL DE PORTUGAL (Memória)

Os 2, 16.17b-18.21-22 / Slm 144 (145), 2-9 / Mt 9, 18-26

Um chefe (...) prostrou-se diante d'Ele. (Evang.)

«Dizendo: “(...) vem impor as mãos sobre ela e viverá”». O chefe tinha que se prostrar para ser atendido? Não. Jesus tinha que impor as mãos para ressuscitar a menina? Não. (Tanto que não o fez.) Eram gestos. Mas os gestos podem marcar uma vida inteira. Um telefonema às quatro da manhã para saber como é que eu estava marcou-me para sempre. O leitor pense qual vai ser o seu próximo gesto. Reze sobre isto.

Ter, 5 – SEMANA XIV DO TEMPO COMUM

Os 8, 4-7.11-13 / Slm 113 B (115), 3-7ab.8-10 / Mt 9, 32-38

Pedi ao senhor da seara que mande trabalhadores para a sua seara. (Evang.)

Sim, mas também é preciso ir. Ir, é, entre outras coisas, ser coerente. Tenho uma amiga que me diz que não sou coerente com estas meditações que escrevo. É verdade. Às vezes, as minhas homilias servem a mim próprio. Ou sou muitas vezes confrontado. Termos mãos amigas que nos apontam as incoerências é muito bom. O leitor peça ao Espírito Santo que lhe ilumine aquelas partes que não vê.

Qua, 6 – SEMANA XIV DO TEMPO COMUM

Os 10, 1-3.7-8.12 / Slm 104 (105), 2-7 / Mt 10, 1-7

Ide (...) às ovelhas perdidas da casa de Israel. (Evang.)

Todos nós temos ovelhas perdidas a quem fomos enviados. Às vezes, são mesmo pessoas perdidas, sem rumo, que precisam de uma mão. Outras vezes, “só” pessoas que não têm quem as oiça. Outras vezes, pessoas que é preciso acarinhar ou aconselhar. Sempre pessoas que é preciso amar. Para isso, é preciso desinstalarmo-nos, termos paciência, amor. Às vezes, até para os de casa. O leitor veja o que é que Deus exige de si.

Qui, 7 – SEMANA XIV DO TEMPO COMUM

Os 11, 1-4.8c-9 / Slm 79 (80), 2ac.3b.15-16 / Mt 10, 7-15
Ide e proclamai que está próximo o reino dos Céus. (Evang.)

O reino dos Céus está tão próximo quanto nós o fizermos. Não sei se o leitor ouviu algumas vezes dizer: «aquela pessoa faz bem a muita gente»? Façamo-lo. Onde é que podemos fazer bem? No nosso trabalho, na nossa família, nos nossos amigos, no supermercado, numa obra social. Em todos esses lugares. Qual é que Deus escolheu para o leitor?

Sex, 8 – SEMANA XIV DO TEMPO COMUM

Os 14, 2-10 / Slm 50 (51), 3-4.8-9.12-14.17 / Mt 10, 16-23
Tende cuidado com os homens. (Evang.)

Porque os valores do Evangelho não estão assimilados. Os homens andam sobretudo à procura da vã gloriuzinha, do seu prestígiozinho, de segurar o dinheirinho e que nem a má consciência que os pobres geram nem o Estado venham tirar muito, que o conforto e a rotina não sejam perturbados. Repare o leitor que eu disse «sobretudo». Eu não digo que não nos preocupamos com a prática do Evangelho. (Suponho que sim.) Mas com que é que nos preocupamos SOBRETUDO? Sobre todas as outras coisas?

Sáb, 9 – SEMANA XIV DO TEMPO COMUM

Is 6, 1-8 / Slm 92 (93), 1abc-2.5 / Mt 10, 24-33
Valeis muito mais do que todos os passarinhos (...) A todo aquele que se tiver declarado por Mim (...) também Eu Me declararei por ele. (Evang.)

Em São João, é o Espírito Santo, o Paráclito, que é o protetor. E se Jesus advoga por nós junto do Pai é para o Pai também nos proteger. Assim, somos protegidos pelas três pessoas da Santíssima Trindade. Protegidos do mal do demónio, do mal do mundo, do nosso próprio mal. Assim o queiramos. O leitor quer? Como é que o prova? (A si mesmo.)

Dom, 10 – DOMINGO XV DO TEMPO COMUM – Ano C

Deut 30, 10-14 / Slm 68 (69), 14.17.30-31.33-34.36ab-37 / Col 1, 15-20/ Lc 10, 25-37

Depois de concluída a missão dos Setenta e Dois, que rezámos no Domingo passado, revela-se agora que a relação de Amor entre o Pai e o Filho é aberta a todos os discípulos. Aproxima-se de Jesus um doutor da lei que, para O experimentar, Lhe pergunta o que deve fazer para «receber como herança» a Vida eterna, isto é, aquela de Deus. O modo como ele coloca a pergunta mostra que, pelo menos em teoria, já compreendeu que a vida de Deus, aquela que o Senhor nos oferece, é para ser recebida e não conquistada. Não podemos conquistar o Amor de Deus! É oferecido!

Embora este doutor da lei se tenha aproximado do Senhor para O por à prova, a sua pergunta é para nós muito importante. O que procuro com a minha vida? A Vida de Deus ou a vida da terra? A pergunta de Jesus ajuda-nos a perceber qual é verdadeiramente a nos-

sa meta: «Como entendes tu a lei de Deus», pergunta Jesus a este homem. A resposta dele é muito boa! Ele já percebeu que a vida eterna é a Vida de Deus e que só Deus a pode dar. Não é alguma coisa que se pode comprar ou conquistar.

Ele percebe que a vida eterna é, na verdade, o Amor. Por isso, viver *em* “vida eterna”, em comunhão com Deus, não está reservado para o fim da vida, como um prémio, mas somos convidados, aqui e agora, a fazer da nossa vida “vida eterna”. Isto significa conduzir os nossos dias segundo o critério fundamental que Jesus nos mostrou com a sua vida. Amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a mim mesmo.

A vida de Deus é o Amor. Este homem, que está a pôr à prova o Senhor, ainda não percebeu que é o mandamento do Amor que define a verdade do Homem. É o Amor a Deus, aos

outros e a nós mesmos que diz a nossa verdade. O pecado é a mentira, é aquilo que me torna incapaz de amar e, por isso, de receber a vida de Deus. Somos feitos para amar e sem amor a nossa vida falha o alvo.

Este homem, mesmo depois de Jesus lhe dizer que respondeu bem, precisa de se justificar porque não acredita naquilo que é o Amor, a sua verdade. Quer salvar a sua reputação diante dos outros. Está ainda muito preocupado com a sua imagem e quer “justificar-se”, esquecendo que não é ele quem se *justifica*, mas é *justificado* pelo Senhor. Então Jesus narra a parábola do samaritano, em que o rosto de Deus é revelado como Aquele que tem compaixão pelo

Homem. O doutor da lei quer saber quem é o próximo dele, quem é que ele tem de amar, e Jesus, invertendo a sua pergunta, revela-lhe que é Deus o seu próximo, é Deus quem o ama.

É Deus quem Se faz próximo de cada um de nós, é Ele que cuida das nossas feridas, que nos cura do mal, que nos ama com todo o seu coração para que possamos, cada um de nós, sabendo-nos assim amados, amar com todo o coração os nossos irmãos e as nossas irmãs. Não basta saber estas coisas, não basta sequer cumprir a lei da Deus; é preciso ir mais fundo e reconhecemo-nos, a nós mesmos, este homem caído por terra a quem o Senhor trata das feridas.

Seg, 11 – SÃO BENTO (Festa)

Prov 2, 1-9 / Slm 33 (34), 2-11/ Mt 19, 27-29

Nós deixámos tudo para Te seguir. Que recompensa teremos? (Evang.)

É verdade, que recompensa teremos nós por termos deixado tudo para seguir Jesus? Bem, em primeiro lugar é preciso perguntarmo-nos se teremos deixado tudo. Em segundo lugar, tal como Pedro, se deixámos tudo à espera de recompensa, ainda não deixámos tudo. O amor tem a recompensa em si mesmo. Temos é que nos perguntar se andamos à procura de recompensas. Por exemplo, se andamos à procura de prestígio por pertencermos a organizações de Igreja, por sermos religiosos, por termos cargos na hierarquia religiosa.

Ter, 12 – SEMANA XV DO TEMPO COMUM

Is 7, 1-9 / Slm 47 (48), 2-8 / Mt 11, 20-24

No dia do juízo haverá mais tolerância para Sodoma e Gomorra do que para ti. (Evang.)

Às vezes pensamos no dia do juízo como num dia em que o mundo acaba e em que Deus nos julga, mas a expressão «dia do juízo» refere-se ao dia em que Deus julga cada um de nós. Temos que estar preparados porque muito recebemos. Estar preparados é muito fazer pelo próximo e por si. (Para algumas pessoas, fazer por si, é o esforço por ir ao médico...) Como está o leitor nestes assuntos? Reze sobre isto.

Qua, 13 – SEMANA XV DO TEMPO COMUM

Is 10, 5-7.13-16 / Slm 93 (94), 5-10.14-15 / Mt 11, 25-27

Eu Te bendigo, ó Pai (...) porque escondeste estas verdades aos sábios e aos inteligentes... (Evang.)

Aqui há tempos, um grupo de religiosos interrogava-se: tanta gente a rezar tanto não devia ser melhor? Uns respondiam: se se reza, automaticamente tem que se ficar melhor. Outros, a santidade não tira os defeitos. Ainda outros: oração não é psicologia. Outros: claro que uma pergunta destas só pode ser uma pergunta irónica. Afinal, qual é a verdade? (Onde é que posso encontrar um pequenino?) Enquanto não formos pequeninos, enquanto a nossa oração for raciocinar, a oração não nos muda.

Qui, 14 – SEMANA XV DO TEMPO COMUM

Is 26, 7-9.12.16-19 / Slm 101 (102), 13-14ab.15-21 / Mt 11, 28-30

Vinde a Mim, todos os que andais cansados e oprimidos... (Evang.)

«Tomai sobre vós o meu jugo», continua Jesus. Jesus não está a falar do seu jugo pessoal, da cruz, está a falar do jugo que oferece aos seus seguidores, por oposição à quantidade de regras e regrinhas e impostos pesados que os fariseus impunham aos seus seguidores. O jugo que Jesus nos dá é amar a Deus, ao próximo e a nós mesmos. Não é fácil, nada fácil, mas parece que é bem melhor do que andar aperreado. Caro leitor, alegre-se com isso. Hoje, reze em ação de graças.

Sex, 15 – SÃO BOAVENTURA (Memória)

Is 38, 1-6.21-22.7-8 / Is 38, 10-11.12abcd.16-17ab / Mt 12, 1-8

Eu quero misericórdia e não sacrifício. (Evang.)

O sacrifício traz autossatisfação, a misericórdia traz abertura aos outros. Mas a misericórdia não é só perdoarmos, não dizermos mal. Muitas vezes, é termos coragem, muita coragem. Às vezes, a misericórdia é dizer umas verdades, fazer alguma coisa que vai doer ao outro e que, por isso, também nos vai doer. Não podemos embarcar em cobardias de gente boa mas moralmente mole. Daqueles que não matam nem roubam com facas e pistolas. O leitor reze.

Sáb, 16 – NOSSA SENHORA DO CARMO (Memória)

Miq 2, 1-5 / Slm 9 (10), 22-25.28-29.35 / Mt 12, 14-21

... a fim de O fazerem desaparecer. (Evang.)

Às vezes, ouve-se esta expressão: «Quando eu morrer é que vão dar pela minha falta!» Hoje, vou propor-lhe um exercício: pense como seria a sua vida se Jesus desaparecesse. O que é que seria na sua vida interior? O que é que mudaria nos seus atos? Como é que o seu coração reagiria? Pense no seu dia, desde que se levanta até que se deita. Escreva o tempo, de hora a hora. Veja o que seria diferente. Terá alguma surpresa? Descobrirá que em algumas alturas Jesus já lá não estava? Ou que estava e nunca tinha dado por isso? Abra-se à surpresa.

Dom, 17 – DOMINGO XVI DO TEMPO COMUM – Ano C

Gen 18, 1-10a / Slm 14 (15), 2-3a.3cd-4ab.4c-5 / Col 1, 24-28 / Lc 10, 38-42

No contexto do Evangelho segundo São Lucas, é curioso que Jesus tenha sido recebido duas vezes em casa de pecadores públicos e duas vezes em casa de fariseus, homens reconhecidos por serem religiosos e cumpridores. Se na casa dos peca-

dores aquilo que é sublinhado é a alegria, na casa dos justos são as críticas.

A liturgia de hoje apresenta-nos algo de semelhante, relatando-nos como Jesus é recebido em casa de Marta e de Maria. Muitas vezes, quando rezamos

este texto ficamos com a impressão de Jesus ter sido injusto e demasiado severo com Marta e, se calhar, demasiado benevolente com Maria. Marta estava realmente a esforçar-se ao máximo por acolher bem o Senhor em sua casa. Facilmente, tomando o partido de Marta, pensamos que é muito cómodo ficar sentado a rezar e a escutar a Palavra do Senhor, mas é preciso trabalhar e preparar a casa para receber bem. «É muito bonito estar ali sentada a ouvir Jesus, mas quem é que Lhe prepara o almoço?», pensamos.

Maria estava «sentada aos pés de Jesus». Este detalhe é muito importante porque quem está sentado aos pés do mestre são os seus discípulos, e um mestre em Israel não admitia mulheres no círculo dos seus discípulos. Maria encarna o seu papel de discípulo e não está preocupada com formalidades. Diz-nos a sua atitude que ninguém está excluído do grupo dos discípulos do Senhor. Ela tem o *Amado* diante de si, em sua casa, e percebe que tudo pode esperar, menos escutar a sua Palavra.

Pode parecer-nos estranho, mas quem O acolhe verdadeiramente é Maria, acusada por Marta e defendida por Jesus.

O Senhor, no entanto, não repreende Marta porque está a trabalhar: de facto, é importante o trabalho! Jesus repreende-a porque está *ansiosa, atarefada* com muitas coisas. Tanto quer receber o seu hóspede que não tem tempo para Ele.

O Senhor não diz a Maria que não deve fazer nada e que não deve ajudar a sua irmã, mas elogia-a porque soube ordenar as suas prioridades. Muitas vezes, na nossa vida estamos tão atarefados, tão preocupados e ansiosos que não temos tempo para escutar o Senhor. Até mesmo estando ocupados com trabalhos para a Igreja, para a paróquia ou para um movimento: coisas boas! Mas até o trabalho apostólico de maior sucesso, se não for guiado pela Palavra, reduz-se a mera correria e fazemos só barulho.

Maria escolhe a «parte boa», não porque está sentada sem fazer nada, mas porque reconhece que o mais importante, aquilo que a pode guiar nos seus afazeres, é escutar a Palavra. São Lucas não está aqui a meter em confronto a ação e a contemplação, mas quer simplesmente mostrar-nos que a nossa ação se purifica na contemplação, que não existe ação sem contemplação.

Acolher verdadeiramente os outros na nossa vida não passa simplesmente por fazer coisas por eles, mas pelo Amor. E nós

só escutando a Palavra que é Amor somos capazes de amar. Só no Amor podemos Amar.

Seg, 18 – B. BARTOLOMEU DOS MÁRTIRES (Memória)

Miq 6, 1-4.6-8 / Slm 49 (50), 5-6.8-9.16bc-17.21.23 / Mt 12, 38-42

... e aqui está quem é maior que Salomão. (Evang.)

Esta frase pouco humilde é da mesma pessoa que Se declarava mansa e humilde. É que a humildade é o reconhecimento da nossa realidade. Se nascemos num palácio, nascemos num palácio; se falamos bem, falamos bem; se somos muito bonitos, somos muito bonitos, etc. Humildade não é apoucar-mo-nos, é sermos verdadeiros. Há pessoas que sofrem por serem pobres e há pessoas que sofrem por terem um nome sonante. Humildade é verdade. Hoje o leitor reze sobre VERDADE acerca de si.

Ter, 19 – SEMANA XVI DO TEMPO COMUM

Miq 7, 14-15.18-20 / Slm 84 (85), 2-8 / Mt 12, 46-50

Mostrai-nos prodígios. (1ª Leit.)

Os filhos de Israel viram a glória de Deus e o seu poder. No entanto, esta manifestação não serviu para que, no tempo da provação, tivessem fé suficiente para não construírem bezerros de ouro e clamarem pelas cebolas do Egito. Deus tinha-lhes resolvido o problema da escravidão e eles queriam que Deus lhes continuasse a resolver os problemas, sem sentirem o deserto. E o leitor, que tipo de Deus quer, ou, se quiser uma pergunta menos bonita mas talvez mais clara, «para que é que Deus lhe serve?».

Qua, 20 – SEMANA XVI DO TEMPO COMUM

Jer 1, 1.4-10 / Slm 70 (71), 1-4a.5-6ab.15ab.17 / Mt 13, 1-9

Naquele dia, Jesus saiu de casa e foi sentar-Se à beira-mar. (Evang.)

Meu caro leitor, não o desconcerta pensar em Jesus sentado à beira-mar? Já estaria Ele à espera que viessem ter com Ele? Ou

teria sido apanhado de surpresa? Teria pensado: «Vê-se bem que são como ovelhas sem pastor, Pai não Te afastes»? Ou talvez tivesse só ficado a vê-los chegar, com o Pai dentro d’Ele, Ele dentro do Pai... Leitor, a sua próxima ida à praia, as suas férias, este verão, talvez sejam diferentes, talvez esteja mais atento aos outros. (Sobretudo se não é a Mãe.) Reze por isso.

Qui, 21 – SEMANA XVI DO TEMPO COMUM

Jer 2, 1-3.7-8.12-13 / Slm 35 (36), 6-11 / Mt 13, 10-17

Porque veem sem ver e ouvem sem ouvir nem entender. (Evang.)

O que Jesus lhes dizia não lhes tocava fundo. Nós temos esse perigo, não sermos tocados pelo que Jesus diz. A audição da Palavra de Deus tem que ser acompanhada pela sua atualização no dia a dia. Esta atualização é ajudada pelo exame de consciência, ou uma outra qualquer análise do nosso progresso. Progresso a que a Palavra de Deus dá uma orientação. Mas, no Evangelho, Jesus dá primazia à caridade, senão o Evangelho é letra morta no nosso coração. O leitor analisa o seu progresso?

Sex, 22 – SANTA MARIA MADALENA (Memória)

Jer 3, 14-17 / Jer 31, 10-12.13 / Mt 13, 18-23

Ao chegar a tribulação (...) sucumbe logo. (Evang.)

Podemos sucumbir ao cansaço, podemos sucumbir à maçada, podemos sucumbir ao comodismo, podemos sucumbir a coisas muito mais graves, podemos sucumbir à ira... Nosso Senhor diz-nos que isso é fruto da inconstância. Ninguém é completamente “constante”, mas a luta pela constância, de facto, gera a perseverança. Depois podemos ter alturas menos perseverantes, mas a semente está lá e volta a florir. Peçamos constância e treinemo-la.

Sáb, 23 – SANTA BRÍGIDA (Festa)

Gal 2, 19-20 / Slm 33 (34), 2-11 / Jo 15, 1-8

Ele corta todo o ramo (...) [Ele] limpa... (Evang.)

Notemos que é o Pai que corta, é o Pai que limpa. Entreguemo-nos a Ele. Como diz Santo Inácio, temos que pôr os meios. Pôr os meios é entregar a Deus a tesoura da poda e o serrote. Mas lembremo-nos que Deus tem o seu ritmo, as suas razões e que, muitas vezes, não as percebemos. Além disso, se nos cortar o ramo que somos, se nos cortar d'Ele, se nos sentirmos sozinhos, Deus fará com que brote um ramo mais vigoroso de onde cortou um que estava seco.

Dom, 24 – DOMINGO XVII DO TEMPO COMUM – Ano C

Gen 18, 20-32 / Slm 137 (138), 1-2a.2bc-3.6-7ab.7c-8/ Col 2, 12-14/ Lc 11, 1-13

A Bíblia, logo desde as primeiras páginas, ensina-nos que o mundo vem de Deus, que toda a vida provém d'Ele e que sem Ele nada podemos fazer. Os Hebreus experimentaram isto na própria pele, tomando consciência que sempre que voltavam as costas a Deus acontecia alguma coisa catastrófica. Eles bem sabiam que estas coisas aconteciam não porque Deus Se zangasse e os castigasse, mas porque eram consequência lógica do afastamento d'Ele. Esquecer-se de Deus, fonte e origem de toda a vida, conduz à morte. Não é um castigo! É porque é Ele a vida e sem Ele só existe a morte.

Nas Escrituras vemos ainda como os povos pagãos procuravam, através do esforço individual, elevar-se e chegar até Deus. A passagem da torre de Babel é particularmente elo-

quente e mostra-nos como este esforço é inútil: nunca, só pelas nossas forças, chegaremos até ao Senhor. A Escritura, já no Antigo Testamento, mostra-nos que não só não somos nós que nos elevamos até ao Céu, como é Deus Quem Se abaixa até à nossa realidade.

Assim, conscientes de que Deus é a fonte da vida e que Ele está sempre connosco na nossa vida, os judeus rezavam nas sinagogas começando sempre por uma oração de louvor, recordando todos os bens, todas as graças recebidas da parte de Deus, e só depois se faziam os pedidos. Havia um pedido que nunca faltava: o perdão dos pecados. Eles estavam bem conscientes de que nós, sozinhos, esquecemo-nos de Deus e vamos à procura de vida, de realização e de felicidade fora d'Ele. Temos memória curta e

precisamos que Ele nos encha da sua misericórdia. Os judeus piedosos sabiam que Deus estava sempre pronto para perdoar os seus pecados e por isso incluíam sempre esse pedido nas suas orações na sinagoga.

Assim terá sido educado Jesus por seu pai José, quando frequentavam juntos a sinagoga: aprendeu que a oração começa com o louvor a Deus, reconhecendo que tudo o que recebemos é dom da sua bondade. Aprendeu que é Ele a fonte e a origem da vida e que, afastando-Se de Deus, afastava-Se da vida, da vida verdadeira, da felicidade... Sabemos que Jesus rezava com os seus na sinagoga e sabemos também que rezava sozinho. Não

sabemos muito daquilo que dizia na intimidade da sua oração, mas uma coisa é segura: Deus é, para Jesus, “Abbá”, o seu Pai muito querido.

É deste Pai, deste “Abbá” com Quem Jesus fala continuamente, que Jesus fala aos seus discípulos. Por isso, quando Lhe pediram que os ensinasse a rezar, não podia fazer outra coisa que não fosse falar do seu Pai.

Há tantas formas de rezar e de estarmos próximos de Deus, mas para um cristão nenhuma oração é tão preciosa e tão completa como rezar a Deus Pai através de Nosso Senhor Jesus Cristo, usando as suas palavras, agradecendo e pedindo perdão ao nosso Pai que nos ama, dizendo: «Pai Nosso...»

Seg, 25 – SÃO TIAGO, APÓSTOLO (Festa)

2 Cor 4, 7-15 / Slm 125 (126), 1-6 / Mt 20, 20-28

... e os grandes fazem sentir sobre elas o seu poder. (Evang.)

Aquilo que, hoje em dia, se chama *bullying*, é o infligir, por maldade ou inépcia, dor psicológica num irmão nosso. Nessa altura, o “grande” é a pessoa que inflige a dor, porque a característica da vítima do *bullying* é que não se sabe defender. Temos que rezar por elas e ensiná-las a defenderem-se, se bem que haja situações extremamente complicadas, que precisam de muita firmeza de quem está por perto e/ou da ajuda de um profissional. Hoje, rezemos pelas vítimas desta prática tão espalhada e para que nunca sejamos nós os “grandes”.

Ter, 26 – SÃO JOAQUIM E SANTA ANA, PAIS DE NOSSA SENHORA (Memória)

Jer 14, 17-22 / Slm 78 (79), 8-9.11.13 / Mt 13, 36-43

Naquele tempo, Jesus deixou a multidão e foi para casa. (Evang.)

Jesus deixou a multidão e foi para casa. Não sabemos porquê. Foi descansar? Estava zangado com alguma coisa? Nossa Senhora estava doente? Tudo é possível. Mas temos aqui uma dimensão pouco comum de Jesus. Uma dimensão muito humana, que nos diz que de vez em quando é preciso remar contra a corrente. Para algumas pessoas é trabalhar menos, para outras é começar a trabalhar mais. O que faz o leitor? Reze sobre isso. (Por exemplo, há pessoas que não dão atenção à família porque nunca param, outras porque nunca falam...)

Qua, 27 – SEMANA XVII DO TEMPO COMUM

Jer 15, 10.16-21 / Slm 58 (59), 2-5a.10-11.17.18 / Mt 13, 44-46

Porque me trouxeste ao mundo? (1ª Leit.)

A resposta aparentemente é simples. Para fazermos o bem. O problema é como é que o fazemos com mais competência. A isso chama-se vocação. Vocação é aquilo em que amo com mais habilidade. Vocação é casar com a pessoa que amo com mais perfeição. Vocação é aquilo em que, com a mesma quantidade de esforço, tenho mais resultados para o Reino. O leitor cumpre a sua vocação? Reze sobre ela.

Qui, 28 – SEMANA XVII DO TEMPO COMUM

Jer 18, 1-6 / Slm 145 (146), 2abc.2d-6 / Mt 13, 47-53

Os anjos [lançarão] os maus na fomalha ardente. (Evang.)

Jesus diz-nos que sim. Mas temos que pôr as coisas no seu contexto. Está a usar uma imagem longamente usada nas escrituras hebraicas, além do mais, está a explicar parábolas. Uma imagem vale por mil palavras. Sejamos consequentes com a noção de inferno. Porque se dantes “toda a gente” ia para o inferno, hoje parece que não vai ninguém. E quem sabe?

Sex, 29 – SANTA MARTA (Memória)

Jer 26, 1-9 / Slm 68 (69), 5.8-10.14 / Mt 13, 54-58

Não é Ele o filho do carpinteiro? (Evang.)

O filho de um carpinteiro não pode dizer grandes coisas. Ainda hoje somos subservientes aos títulos de uma pessoa. Os títulos dão credibilidade, mas se pensarmos pela cabeça dos grandes, da moda intelectual, e pusermos a nossa cabeça em banho-maria (ideia horrorosa), faltamos ao amor intelectual. Rezemos, que este é um pecado muito comum.

Sáb, 30 – SEMANA XVII DO TEMPO COMUM

Jer 26, 11-16.24 / Slm 68 (69), 15-16.30-31.33-34 / Mt 14, 1-12

O rei ficou consternado, mas por causa do juramento e dos convidados... (Evang.)

É o que faz estar preso pelos compromissos do mundo, respeitos humanos por contraposição com respeitos divinos. Temos que ter cuidado com estas coisas. Esta espécie de corruptela emocional é extraordinariamente comum, cedermos ao que achamos moralmente errado para não perdermos a fama de boas pessoas. Isso é contra o Evangelho. É uma cobardia emocional. O leitor examine-se e reze.

Dom, 31 – DOMINGO XVIII DO TEMPO COMUM – Ano C

Coh 1, 2; 2, 21-23 / Slm 89 (90), 3-4.5-6.12-13.14.17ac / Col 3, 1-5.9-11 / Lc 12, 13-21

São Lucas, no seu Evangelho, fala frequentemente dos bens materiais e apresenta-os como sendo dons do Pai. Já no livro do Génesis, toda a criação é apresentada como sendo um dom de Deus, e o Homem, feito à sua imagem e semelhança, é chamado a administrar a criação. Para além da parábola do “rico insensato”, que hoje

meditamos, Lucas desenvolve especialmente este argumento na parábola do “rico e Lázaro” (Lc 16, 19ss) e na parábola do “administrador infiel” (Lc 12, 41). Nesta vemos como o administrador dos bens sabe que estes não são seus e, diante do despedimento certo, em vez de acumular para si, começa a dar aquilo que na verdade

não é seu. Este é louvado pelo Senhor porque, na sua desonestidade, soube usar os bens para aquilo que eles servem e segundo aquilo para que foram feitos: não para acumular, mas para distribuir.

O “rico insensato” que, ao contrário do “administrador infiel”, quer possuir cada vez mais bens, cai na armadilha para a qual já o salmo 49 nos adverte, dizendo: «O homem que vive na riqueza e não reflete é semelhante aos animais que são abatidos». Isto significa simplesmente que o egoísmo é insaciável e conduz-nos à morte. O “rico insensato” acredita que a sua felicidade passa por acumular para si os dons que Deus lhe colocou nas mãos!

Os bens materiais, que são dom de Deus, são postos à nossa disposição para os administrarmos ao modo de Deus. Olhando para Ele, podemos ver que a sua riqueza se manifesta naquilo que dá. Ele que é tudo, tudo dá!

Esta parábola mostra-nos a nossa atitude diante dos bens, quando nos esquecemos da paternidade de Deus e agimos com base nos nossos instin-

tos de sobrevivência, que nos dizem que temos de acumular: dinheiro, coisas, poder... O medo da morte faz com que nos agarremos a esta vida e procuremos, em primeiro lugar, salvar-nos e satisfazer as nossas necessidades primárias, antes de pensarmos nas necessidades dos outros. Agarramo-nos àquilo que a vida tem e nos oferece e não àquilo que a vida é.

Nós somos filhos de Deus. É esta a nossa verdade. É esta a nossa vida. Se tentamos substituir o lugar do Pai na nossa vida pelas coisas que vêm do Pai e são, de facto, para nós, mas não são o Pai, afastamos de nós a vida. O caminho que Jesus nos apresenta é o da pobreza e o pobre é aquele que sabe que nada tem e que tudo lhe é dado.

A pobreza é o caminho da vida e que leva à vida, mas não é esta que nos santifica: é a confiança em Deus Pai, a certeza que tudo vem d’Ele e a Ele retorna. A pobreza à qual somos todos chamados é uma propriedade do espírito e uma graça a pedir. «Felizes os pobres em espírito» (Mt 5, 3).